

## Apresentação

Como se irá depreender, uma das características do número de *Numen* ora apresentado ao leitor é a forte presença de artigos explicitamente teológicos, principalmente num primeiro bloco de textos. A inclusão destes trabalhos não significa, necessariamente, a perda de identidade da(s) Ciência(s) da Religião diante da teologia, mas o reconhecimento de que a identidade de nossa área acadêmica prossegue marcada por inúmeras e variadas tensões, e de que está longe de ser resolvida a contento, inclusive no âmbito do PPCIR-UFJF. A bem da verdade, para aproximar-nos do jargão antropológico, parecem inclusive grassar dúvidas no tocante à conveniência de uma tal “resolução identitária”. Para uma amostra deste diagnóstico genérico, os leitores e as leitoras poderão se beneficiar dos instrutivos debates coletados na obra organizada pelo Dr. Faustino L. C. Teixeira, intitulada *A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil*: afirmação de uma área acadêmica (São Paulo: Paulinas, 2001.) No geral, e parafraseando o título de uma obra de Immanuel Kant, parece que nos encontramos ainda, no Brasil, na fase de elaboração dos “Prolegômenos a Qualquer Ciência da Religião Futura que Possa Vir a Ser Considerada Como Ciência.” De fato, cabe reconhecer que, mesmo como pesquisadores, estamos, em maior ou menor grau, inseridos no “mundo da vida”, e que a religião faz parte dele, direta ou indiretamente. Trata-se de responder à exigência mínima de honestidade intelectual. A religião refletida, ou então as teologias implícitas, ou ambas, estão, numa descrição que quer ser tão neutra quanto possível, “infiltradas” no cotidiano de vários de nossos pesquisadores, seja no nível teórico, seja na eventual inserção prática ou no “cotidiano” de suas atividades de pesquisa. Além dos deveres para com a ciência, permanecem, inelutavelmente, obrigações para com a vida.

É impossível desconsiderar, aqui, o influxo das filosofias da vida no limiar e no decorrer do século XX. Trata-se apenas - o que não é fácil! - de estabelecer o justo equilíbrio entre ambos os tipos de compromisso, sem pretender uma suposta isenção de pressupostos, inclusive os de tipo teológico num sentido amplo. (Para

uma “desocupação” e “reocupação” bastante interessante do conceito de teologia em nível hermenêutico, refiro o leitor e a leitora à contribuição do Dr. Eduardo Gross, encontrada no mesmo volume citado acima, p. 323-46.)

A presença teológica se afirma e revitaliza; e *Numen*, como órgão do Núcleo de Estudos e Pesquisa da Religião vinculado ao PPCIR-UFJF, quer reconhecer este fato, sem que, porém, isso soe como um *mea culpa*. Afinal, se não sabemos com suficiente segurança o que é a ciência da religião (num sentido teórico), por que excluir dela (num sentido disciplinar-acadêmico) a teologia, sempre que seja esta entendida de maneira autônoma, livre de qualquer constringimento por autoridades que não as autoridades da razão, da experiência e da “vida”, dependendo dos compromissos filosóficos de fundo de cada pesquisador? Mas levanta-se esta questão também e sobretudo a partir de um dado fatural, qual seja: nosso intercâmbio assíduo com pesquisadores - quer no nível do diálogo entre especialistas, quer no nível da recepção e apropriação críticas - que trabalham a partir de uma agenda teológica, independentemente de como se queira defini-la em casos específicos.

A questão do diálogo das ciências humanas e sociais com a teologia, mas também da teologia com as disciplinas que lutam por reconhecimento no interior da(s) “ciência(s) da religião”, vem de longa data. Em maior ou menor grau, ele ocorre em nosso meio. Isso se reflete nos artigos deste volume de maneira um pouco mais intensa, mas na verdade nunca esteve totalmente ausente da rotina editorial de *Numen*, que em muito se ancora na produção espontânea da área de estudos.

Assim, o artigo de Leonardo Boff, pela primeira vez vertido ao português graças aos esforços meticulosos do Dr. Eduardo Gross, aponta para o intercâmbio vital de uma teologia das religiões amplamente (i. e., inter-religiosamente) concebida com a discussão intra-religiosa, isto é, teológica em sentido já confessional. *A Igreja como Sacramento e as Religiões da Terra* debruça-se sobre um problema que, se talvez não é científico no sentido requerido no horizonte de uma futura Ciência da Religião, é científico em seus próprios termos (teológico-confessionais), e reflete uma ocupação intelectualmente honesta com uma exigência específi-

ca da “vida”. A saber: como a fé de alguns, no caso os adeptos da Igreja (Católica-Romana), pode buscar uma mediação construtiva com as outras religiões da terra.

Já o artigo do Dr. Sidnei Vilmar Noé, intitulado *Homo Narcissicus*, situa-se num outro tipo de interface com a teologia, a saber aquele que congrega, por vezes tensionalmente, áreas tão distintas - e no entanto afins - como a teoria psicanalítica, uma psicologia geral da religião e a psicologia pastoral. O tema do narcisismo aparece como um problema da “vida” para a razão crente, teologicamente instrumentada, e busca ser “solucionado”, tanto quanto isto é possível, de maneira teórica e prática, a partir de uma certa perspectiva confiante (e já por isso - porém não só por isso - religiosa) de curar, respectivamente “salvar” a vida.

De Belém do Pará vem-nos a contribuição do Dr. Dirk Jürgen Oesselmann, *Espiritualidade e Mudança Social*. Nela, Oesselmann recolhe resultados de sua pesquisa doutoral, correlacionando o que chama de “momentos de espiritualidade”, como liturgias e celebrações no movimento popular, e o processo mais amplo de educação popular e mudança social. Assim, o autor revisita, num trabalho ancorado na pesquisa de campo, o nexos tantas vezes sugerido entre espiritualidade e processo social, sua interpretação sociológica e pedagógica, e o desiderato de uma reflexão ambientada no marco vivido de uma teologia a uma só vez prática e teórica. De novo, portanto, a teologia em diálogo, desta vez com as ciências da educação e do social.

Após este primeiro bloco, num trabalho de transição de minha própria autoria (*As Emanações do Grande Pagão: A Religião na Poesia de Goethe*), deixa-se já o campo da teologia enquanto tarefa explícita e programática da pesquisa. É inegável, porém, a continuidade do interesse teológico, num sentido amplo, do trabalho. Pois trata-se, nada mais, nada menos, de averiguar a substância da teologia (poética) de Johann Wolfgang Goethe, suas concepções implícitas do divino. Mais ainda, trata-se de descrever como sua visão é influenciada por correntes centrais da teologia e filosofia gestadas no encontro entre pensamento protestante e moderno numa situação específica, a alemã; e como, por sua vez, Goethe antecipa, no modo intuitivo que lhe é próprio, aspectos centrais da filosofia da religião e teologia posteriores.

Em seguida, a teologia aparece no máximo transversalmente e como objeto do estudo histórico no artigo de Dr<sup>a</sup> Sylvia Lenz intitulado *Igreja Evangélica Alemã no Rio de Janeiro (1837-1863): Serviços Religiosos, Sociais, Educacionais e Assistenciais*. Mas tampouco aqui parece fugir, ao olhar da historiadora, a percepção fundamental de que a “vida”, desta feita num capítulo particular e situado do etnoprotestantismo brasileiro, se nutre, *last but not least*, de uma matriz em última análise teológica.

No trabalho da doutoranda em antropologia Elizabeth Pissolato, investiga-se e coloca-se em questão um olhar católico-romano de tipo missionário sobre a vida social dos *Sorowaha* da Amazônia Ocidental. Uma certa missiologia torna-se objeto do olhar antropológico; um olhar, porém, que busca, aqui e ali, colocar-se no lugar da cosmologia que é missionada juntamente com seus sujeitos; no lugar, enfim, de uma interpretação da vida diferente, mas que é incompreensível - já, e ao menos, na opinião deste Editor - sem o pressuposto de uma teologia e cosmologia indígenas, talvez “arcaicas” no sentido eliadiano. Embora a autora não encete o diálogo propriamente dito com a teologia, ela percorre e descreve com maestria, segundo o modo de ver do quefazer científico que lhe é próprio, aquilo que leio como as precondições que poderiam propiciar tal “diálogo” de teologias, mesmo que em sua possível incomensurabilidade.

Em última análise, dependerá do melhor juízo do leitor e da leitora o veredito de termos ou não, aqui, uma sucessão coerente na ordenação dos trabalhos, bem como um nexos “teológico” comum, de que que tipo for, a uni-los. Pareceu ao editor, no entanto, que este nexos de fato se insinua de várias maneiras, e em várias passagens, dos trabalhos sob o escrutínio do leitor e da leitora. E, se estes forem atentos, não se proibirão a busca de um nexos semelhante nas entrelinhas da recensão de nossa colega, a Dr<sup>a</sup> Fátima Regina Gomes Tavares, que considera o livro de Jane Dutra Sayd, *Mediar, medicar, remediar*: aspectos da terapêutica na medicina ocidental. Ora, a religião sempre correlacionou cura com salvação, e esta demanda proveniente do mundo da vida é, salvo melhor juízo, um dado imperecível. Mas, daí para a frente - ou para trás -, deverão falar os próprios autores e autoras.

Passando a temas mais amenos, mas não menos importantes na medida em que configuram e configurarão de maneira indelével a “vida” e o cotidiano do PPCIR, temos o prazer de dar boas-vindas.

Primeiro, retorna à casa o professor Paulo Afonso Araújo, que concluiu no início do ano seu doutorado mediante a defesa de tese em filosofia intitulada “Filosofia e religião em Luigi Pareyson: estudo da concepção pareysoniana de filosofia como hermenêutica da experiência religiosa cristã”, na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Com a defesa de Paulo, chegamos, no Departamento de Ciência da Religião, a um quadro docente com titulação de doutor/a na casa dos cem por cento, um fato provavelmente inédito na UFJF, mas em todo caso dos mais raros. Somos gratos ao Paulo por serviços prestados numa época difícil do Departamento, e o recebemos na confiança de sua contribuição ao campo de estudos, sobretudo na área de concentração “Ração e Religião”.

Segundo, retorna, àquela que foi provisoriamente sua casa, mas agora de maneira definitiva, a Dr<sup>a</sup> Vitoria Peres de Oliveira. Nossa professora visitante no passado, Vitoria se incorpora definitivamente ao PPCIR e ao NEPREL na condição de professora adjunta, já efetivada após um concurso onde todos aprendemos muito, sobretudo através daquela que, *a posteriori*, revelou ser sua “aula inaugural” sobre a fenomenologia da oração em Friedrich Heiler. Vitoria assume a docência e a pesquisa praticamente em todas as áreas de concentração do programa, mas terá como atribuição principal a docência em Fenomenologia da Religião.

Lembramos ao leitor e à leitora que não publicamos, neste número, um apêndice contendo a lista de dissertações defendidas desde o último número. Pretendemos fazê-lo na próxima edição. A todos e a todas uma excelente e produtiva leitura.

O Editor